

A FRANQUEIRA

(NO PASSADO, PRESENTE E FUTURO)

relatório

BARCELOS

1 9 4 4



B)
55(469.12)(047.3)
CON

3.000

A FRANQUEIRA

(NO PASSADO, PRESENTE E FUTURO)

relatório

BARCELOS

1 9 4 4

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 65215

Barceliana

ARRENDAMENTO

DE

terreno

ESCOLA TIPOGRÁFICA DA OFICINA DE S. JOSÉ

BRAGA — 1944

8313

Relatório
sobre actividades na Franqueira

Saüdação

Ao iniciar êste relatório, a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, respeitosaente saüda a Ex.^{ma} Hierarquia, venerandamente representada por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz, saüdando também as Ex.^{mas} e Il.^{mas} Entidades Civis, a quem protesta a mais elevada consideração.

E nêste cumprimentar envolve também a Imprensa, imperiosa necessidade dos tempos hodiernos, à qual a Franqueira é devedora de altos e relevantes serviços.

São as presentes palavras ainda de simpatia para com os Conterrâneos, Barcelenses dedicados que vivem na Terra natal e em localidades estranhas que amigavelmente os receberam, aos quais a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira dedica e consagra êste modesto trabalho.

Finalidade

A conveniência manifesta de reanimar a dedicação pela Franqueira entre Barcelenses e Amigos de Barcelos é o motivo dêste relatório, com a única aspiração de ver a Franqueira ocupar o lugar a que tem direito por tradição e por merecimentos próprios.

A história da Franqueira vem sendo escrita em páginas imorredouras há já mais de oitocentos anos e, apesar de tanto, ainda não lhe foi dedicada merecida consagração.

Quem, tendo subido a magestosa montanha, não se exta-

sia embebecido na contemplação do panorama surpreendente que lá do alto se vislumbra sôbre os quatro ventos ?

Quem, lá aspirando o ar purificado na floresta imensa que o circunda e tonificado pelo iodo do mar que a poucos quilómetros emoldura a paisagem, não sentirá ânsia de ali se fixar ou permanecer por algum tempo, na contemplação do belo que a natureza difunde ou na recuperação de saúde abalada ?

E quantos lá vão — multidão inumerável — em peregrinação de Fé, sublimando o sacrifício e a prece, em actos de pública propiciação à Divindade para que Deus se amerceie da humanidade ?

Quantos, em romagem que perdura há séculos, lá vão, como à Fátima e ao Sameiro, venerar a Mãe de Deus, protectora de Portugal desde a infância da Nacionalidade ?

E quantos sobem à Franqueira, até os restos do glorioso Castelo de Faria e ali vão recordar êsse imorredouro gesto de antanho, o feito do Alcaide de Faria, D. Nuno Gonçalves ?

Impondo-se a Franqueira ao interêsse e à consideração gerais não pode ser indiferente ao bairrismo dos Barcelenses, ao patriotismo dos Portugueses, que essa Montanha, para vergonha nossa, continue quási só como Deus a dotou, sem um mínimo de progresso material a que lhe é lícito aspirar.

E para que êste abandôno não continue a envergonhar-nos é que se pretende o arranjo do local com o prosseguimento dos melhoramentos já encetados e quási em suspenso por carência de fundos ; o acabamento conveniente da estrada — apenas em terraplanagem incompleta — para fácil acesso à estância e ao Castelo de Faria.

Motivo

Êste relatório — que não é senão um resumo sucinto do que se passou na Franqueira e do que se aspira realizar lá — andava na intenção da actual Mesa da Confraria dêsde o início da sua gerência, mas só agora pôde ter efectivação, porque faltavam

elementos concernentes ao plano de melhoramentos, delineado há já anos, os quais, sem se saber como nem quando, se extraviaram e só agora se conseguiu obter, por especial deferência de um dos architectos autores do projecto, o Ex.^{mo} Sr. Prof. Manuel Marques.

Era urgente e indispensável avistar-se de novo com os poderes públicos voltando a solicitar auxílio para as obras mas pouco ou nada se poderia conseguir sem o projecto.

Era conveniente informar os Barcelenses, interessados pela Franqueira, dos planos a que obedeciam as obras iniciadas e entusiasmá-los a coadjuvar mais e melhor.

Era necessário esclarecer a opinião pública, perturbada na Imprensa por escritos de individualidades locais com responsabilidades, as quais, em vez de primeiramente procurarem esclarecer-se, não duvidaram lançar a confusão com ideias meramente pessoais, confundindo princípios, sem se lembrarem de que colaborar ou cooperar não é baralhar, mas, no caso, integrar-se dos programas projectados e em estudo, para depois apreciarem e sugerirem e, ao cabo, cooperarem... substancialmente, como lhes impõem os seus deveres sociais.

E porque, como diz o Evangelho — lema eterno da Vida

Quae sunt Caesaris, Caesari;
et quae sunt Dei, Deo,

a Confraria sente-se na responsabilidade de denunciar as insinuações feitas algures, com malévola tendência a privarem as Associações religiosas, como se depreende das referências feitas a esta, do direito indiscutível que lhes assiste de zelarem, dirigirem e administrarem tôdas e quaisquer das suas necessidades, interêsses ou conveniências materiais, naturalmente inerentes às mesmas, como sociedades humanas.

História

“A breve distancia da villa (actualmente cidade) de Barcellos, nas faldas da Franqueira, alveja ao longe um convento de Franciscanos. Aprazível é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sentem-se alli o murmurar das aguas e a bafagem suave do vento, harmonia da natureza, que quebra o silencio daquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

“O monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas aspero e severo, como quasi todos os montes do Minho. Da sua coroa descobre-se ao longe o mar, semelhante a mancha azul entornada na face da terra. O espectador collocado no cimo daquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinhaes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre-Douro-e-Minho.

“Este monte, ora ermo, silencioso e esquecido, já se viu regado de sangue: já sobre elle se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibillar de setas e estrondo de machinas de guerra.

“O castello de Faria, com suas torres e ameias, com a sua barbacan e fôssos, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou ahi como dominador dos valles vizinhos. Castello real da idade-média, a sua origem some-se nas trevas dos tempos que já lá vão há muito: mas a febre lenta que costuma devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo, coou-lhe pelos

membros, e o antigo alcacer das eras dos reis de Leão desmoronou-se e caíu. Ainda no seculo dezassete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas: no seculo seguinte já nenhuns vestigios d'elle restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso. Um eremiterio, fundado pelo celebre Egas Monis, era o unico eccho do passado que restava. Na ermida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança, D. Affonso. Era esta lagea a mesa em que costumava comer Salat-ibn-Salat, ultimo senhor de Ceuta. D. Affonso, que seguira seu pae D. João I na conquista daquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram, levando-a consigo para a villa de Barcellos, cujo conde era.

“Serviram os fragmentos do castello de Faria para se construir o convento edificado ao sopé do monte. O ruido dos combates calou no alto do monte, e nas faldas d'elle allevaram-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

“Este antigo castello tinha recordações de gloria. Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos dellas.

“Reinava entre nós D. Fernando. O Adiantado da Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavalo, emquanto a maior parte do pequeno exercito português trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até as immediações de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saíu-lhe ao encontro D. Henrique Manuel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar. Foi terrivel o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os portugueses, caíndo alguns nas mãos dos adversarios.

“Entre os prisioneiros contava-se o alcaide-mór do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para socorrer o Conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na comum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausência um seu filho, e era de crêr que,

vendo o pae em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam. Estas considerações suggeriram um ardil a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello, porque elle, com as suas exortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

“Um troço de bésteiros e de homens d’armas subiu a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves.

“Quando o troço dos homens d’armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distancia da barbican, os bésteiros, que coroavam as ameias encurvaram as béstas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojarem sobre os contrarios as suas quadrellas e virotões, enquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

“Um arauto saíu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbican, todas as béstas se inclinaram para o chão, e o ranger das machinas converteu-se num silencio profundo.

– “Moço alcaide, moço alcaide! – bradou o arauto – teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmiento, Adiantado de Galliza pelo mui excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar comtigo, de fóra do teu castello..”

“Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando à barbican, disse ao arauto – “A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero..”

“O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbican. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saíu d’entre os seus guardadores, e falou com o filho:

– “Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei à tua guarda quando vim em socorro e ajuda do esforçado conde de Ceia?..”

– “É – respondeu Gonçalo Nunes – de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem..”

– Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruínas delle?„

– “Sei, oh meu pae! – prosegueu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. – Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselhaste a resistência?„

“Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então :

– “Pois se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver..”

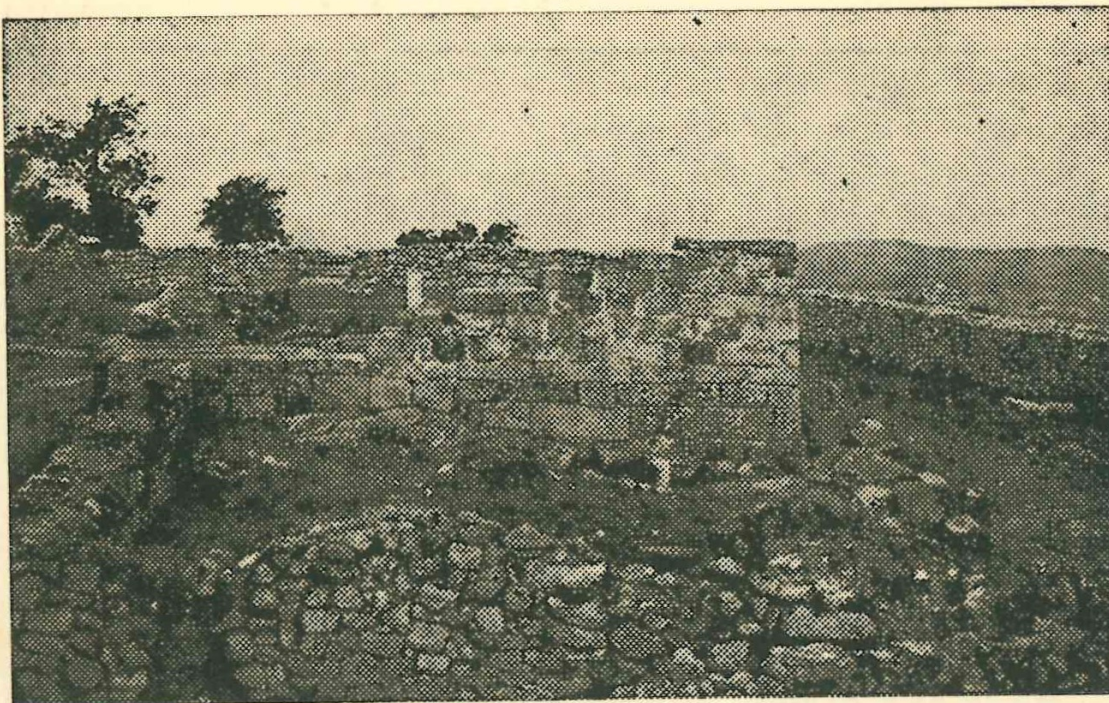
– “Morra! – gritou o almocádem castelhano – morra o que nos atraçouou..” – E Nuno Gonçalves caíu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

– “Defende-te, alcaide!„ – foram as ultimas palavras que elle murmurou.

“Os castelhanos accommetteram o castello.. mas “o orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida diante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cerco.

“Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encommendada por seu pae no ultimo trance da vida, Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide. Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhara, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira e o saio de cavalleiro, para se cobrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do sanctuario, era com lagrymas e preces que ele podia pagar a seu pai o ter cuberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria..” (1)

(1) Excerto de Lendas e Narrativas, Alex. Herculano.



RUÍNAS DA TÔRRE DE MENAGEM DO CASTELO DE FARIA,
POSTAS A DESCOBERTO PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

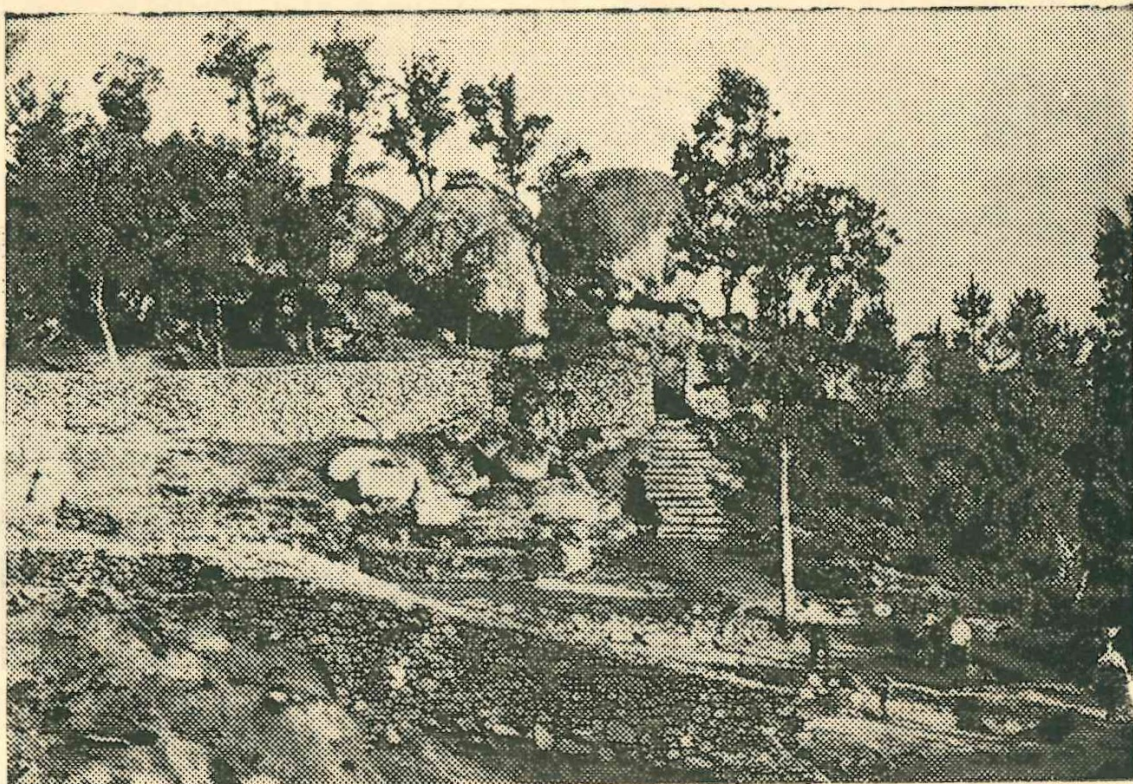
“Quási ao oriente do Castelo de Faria e ao sul do Convento, pegando do muro da cêrca dele, se eleva o cabeço mais eminente e alto da serra da Franqueira com subida assaz íngreme de tôda a parte, do qual se descobrem muitas terras remotíssimas e muito dilatada parte do mar Oceano.

“Vê-se êste Monte coroadó com o antigo e magnífico templo de Maria Santíssima, com o título da Franqueira, tomado da Serra em que está.

“É êste Santuário muito célebre em tôda a província de Entre-Douro-e-Minho, e muito frequentado com contínua romagem assim da Villa (hoje cidade) de Barcelos, como das mais circunvizinhas.

“Atribui-se a primeira fundação desta Capela, ao grande Egas Moniz., (1) que a mandou erigir segundo a tradição, em

(1) Extracto da Chronica da S. Prov. de N. Senhora da Soledade. Liv. Valle, Barcellos.



OUTRO ASPECTO DAS RUÍNAS DO CASTELO DE FARIA,
TAMBÉM DESCOBERTAS PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

cumprimento de voto pela retirada dos leoneses, no assédio ao Castello de Faria, onde se encontrava o grande D. Afonso Henriques, já nas lutas da fundação de Portugal.

“O frontespício da mesma Igreja fez ao moderno nêstes anos com sua tôrre e sino grande, que se ouvem em todos aqueles contornos, um brasileiro devoto da Senhora.

“Já no ano de 1415 era muito célebre êste Santuário de Maria Santíssima, porque expugnando nêsse ano El-Rei D. João I a Cidade de Ceuta em África, . . . fez êste trazer para o dito templo por trofeu da vitória e memória do favor que a Senhora lhe fizera naquela ocasião, em que se viu em grande apêrto, com os Mouros, uma pedra de finíssimo jaspe, que “serve de ara ao altar maior e está firmada pela parte de deante em três colunas do mesmo jaspe redondas.

"Atribuiu-se a fundação do Castelo e Vila de Faria (que existiu em tempos remotos na vizinhança do monte) aos Francos, hoje Franceses, que em alguma das muitas vezes que vieram a este território, deviam ali fortificar-se e ter algum successo notável, que lhes perpetuou a memória, dando o nome à serra da Franqueira., (1)

Em nossos dias

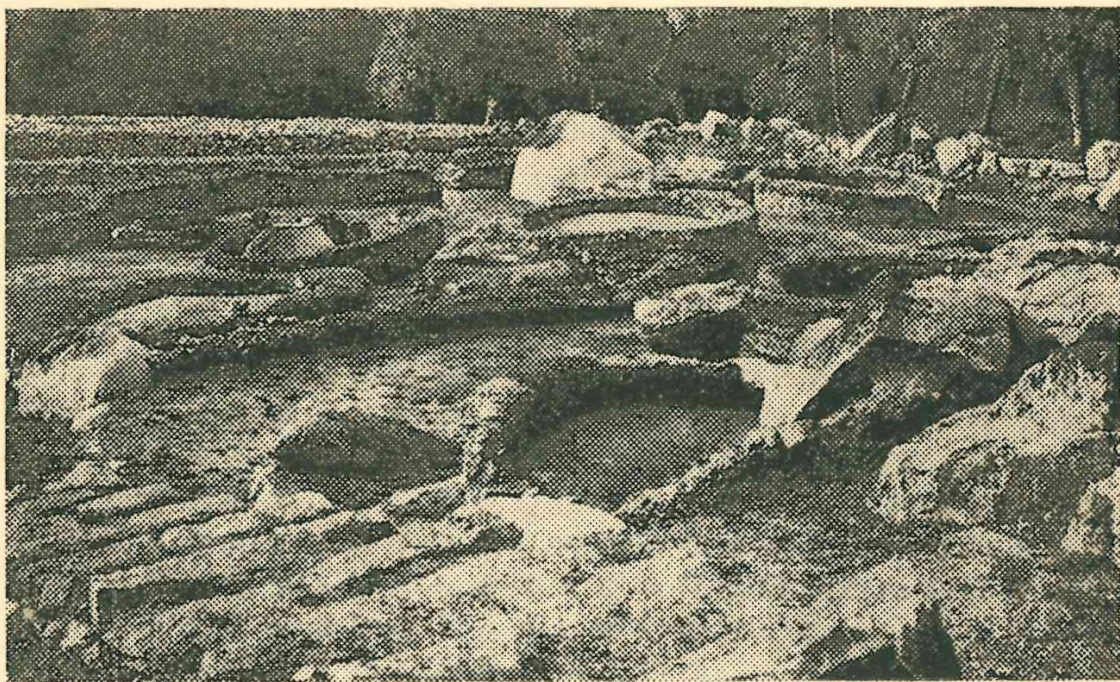
Por acção dos tempos ou desleixo dos homens a Franqueira caíu em profundo letargo denunciando abandôno e desinterêsse reprováveis, embora a devoção do povo, sempre grande em bons sentimentos, se conservasse fiel ao culto tradicional ali mantido à Virgem Santíssima da Franqueira.

No alvorecer dêste século, o Círculo Católico de Operários, de Barcelos, em feliz hora teve a inspiração de reacender o entusiasmo pela Franqueira. Em 1908, por iniciativa do Círculo, organiza-se a primeira grande Peregrinação, presidida pelo santo Bispo, Snr. D. António Barroso. Com que saúde recordam essa Peregrinação – e outras que se lhe seguiram – aquêles que tiveram a felicidade de a elas assistirem.

A acção do Círculo manifesta-se também nos melhoramentos da Franqueira, com a abertura do poço – que óptimos serviços lá vem prestando – e a realização de outros trabalhos, dando nova vida ao progresso do monte, entorpecido por incúria há bastantes anos, e que desde então tomou novo incremento, em ascensão lenta mas firme e proveitosa.

Dentro em breve uma onda, de insânia havia de sacudir o País e aqui, como em tôda a parte, se reflectiram os seus maléficis efeitos. Contudo alguns anos depois de tal evento, novas Peregrinações vão à Franqueira, impetrar a protecção da gloriosa

(1) Extracto da Chronica da S. Prov. de N. Senhora da Soledade. Liv. Valle, Barcellos.



RUÍNAS DA CITÂNIA, JUNTO DO CASTELO DE FARIA,
POSTAS A DESCOBERTO PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

Padroeira de Portugal para a desventura em que o País se debatia combalido pelos efeitos nefastos da primeira Grande Guerra Mundial.

Em 1926 um grupo de modestos mas dedicados Barcelenses, com orientação e auxílio do Arcipreste do Julgado, Rev.^o Sr. P.^e José Rios Novais, e do Prior de Barcelos, promove nova Peregrinação, presidida por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Snr. D. Manuel Vieira de Matos, de saudável memória, tendo sido precedida de um tríduo de prègações, na Colegiada de Barcelos, de que foi orador o Rev.^{mo} Cónego Bernardo Chouzal. É como nota simpática assinala-se que foi a primeira Peregrinação, em nossos dias, em que se incorporou andor com a veneranda imagem de N. S. da Franqueira.

Outras jornadas de Fé se seguiram até 1931, ano em que, para encerramento do primeiro Congresso Missionário celebrado em Barcelos, quási todos os venerandos prelados portugueses,

com a presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Legado Pontifício ao Congresso, subiram à Franqueira em imponente Peregrinação, com multidão inumerável de fiéis.

Desde então e até nossos dias as Peregrinações se têm mantido regularmente em todos os segundos Domingos de Setembro, o primeiro a seguir à Natividade da Virgem Santíssima.

Entrementes – o entusiasmo pela Franqueira aquece ao rubro e em todos os aspectos que lhe respeitam – funda-se, em 5 de Novembro de 1929, o patriótico “GRUPO ALCAIDES DE FARIA”, cuja acção está em evidência pelo que se nota no local onde assentou o CASTELO DE FARIA. Os alicerces do Castelo são postos a descoberto, assim como os da citânia que ali existiu, e o local recebe arranjo que, se ainda não tomou forma definitiva, é por aguardar solução a pedido feito a entidades oficiais, para novos prosseguimentos.

Merece ainda registo – e registo oportuno nesta hora de compensações e de justiça – a entrega à frèguesia de Pereira da Igreja do Senhor da Fonte da Vida, anexa ao velho convento da Franqueira, que foi de Frades Franciscanos, *tendo dado motivo à restituição as diligências feitas nêsse sentido quer pelo “Grupo Alcaides de Faria”, quer pela Confraria de Nossa Senhora da Franqueira.*

E pêna é que o Convento, com a quinta e mata anexas, se encontre em mão particular, que o conserva apenas para gôso próprio, quando o meio e as circunstâncias o indicam para fins de mais ampla utilidade.

A Confraria

No ano de 1558 dois devotos Barcelenses fundaram a Confraria da Franqueira, primitivamente denominada da Senhora das Neves, cuja festa se celebrava no dia próprio, a 5 de Agosto.

Grande e espalhada por vastas terras era a devoção naquela época à Senhora da Franqueira. Em todo o ano e particularmente no dia da festa afluíam à Ermida multidões de devotos, a que atendiam eremitas ali fixados.

A Confraria desenvolveu-se propiciamente e a ponto de se alargar por tóda a diocese de Braga e outras visinhas, mercê de influências resultantes da concessão de D. Afonso V, feita em 1 de Julho de 1476, que autorizava dois homens a percorrerem tódas essas terras na recolha de donativos para o culto da Senhora da Franqueira.

Os fundadores chegaram a obter de Roma um Breve de Indulgências, que desapareceu por falta de renovação ao terminar o prazo por que foi concedido.

Erecta na época de influência das corporações religiosas congéneres, a Confraria manteve elevado prestígio a travez de muitos anos. Se não foi uma corporação privativa de determinada classe, não se alheou aos fins que preocupavam as outras e as distinguiram como associações de assistência e beneficência, predominadas pelo espírito de piedade, a que tanto se dedicaram os nossos maiores, tão zelosos no acatamento dos sãos princípios morais de que só a religião foi autora.

A Confraria, apesar da brilhante existência já vivida, não

pôde frustrar-se aos efeitos dos golpes vibrados às corporações e associações religiosas na primeira metade do século passado.

Sofrendo as conseqüências dessas perseguições sectárias, a Confraria cai em profundo letargo, agravado pela circunstância de ficar entregue a gerências eleitas, como que hereditariamente, entre paroquianos da frèguesia onde se encontra a Ermida. Essas Mesas eram assim constituídas por elementos, dedicados, mas sem a acção e a influênciam necessárias para manter as tradições da Confraria. E como poderiam impulsionar e executar os melhoramentos indispensáveis na Franqueira?

A devoção à Senhora da Franqueira mantém-se, contudo, arreigada no ânimo dos povos circunstantes, nomeadamente dos da vizinha orla marítima, que ali subiam amiudadas vezes vindo depôr aos pés da Virgem os seus votos por favores recebidos em horas de tormenta, na luta com o oceano encapelado.

Mas — sem outra influênciam — a acção da Confraria manifesta-se única e modestamente na festa anual, reduzida ao mínimo, pelo menos em nossos dias.

A Confraria foi fundada por Barcelenses e a estes estava indicado fazê-la viver de novo as épocas de esplendor. Mas isso não foi sem dificuldades e desgostos que se conseguiu, porque eram obstáculo e abertamente hostis as Mesas, constituídas exclusivamente por Irmãos da frèguesia de Pereira, às quais repugnava tôda e qualquer influênciam estranha ao seu meio. Nêste particular, vai sendo hora de realçar a acção da Imprensa e a actuação do Círculo Católico de Operários de Barcelos, ao qual assiste a alma ardente do Rev.^o Sr. Padre Bonifácio Elias Barbosa Lamela, verdadeiro apóstolo dos tempos modernos, e, entre outras, a Comissão que em 1926 reatou as Peregrinações, constituída pelos Barcelenses, Ex.^{mos} Srs. João Baptista de Lima Miranda, Celestino do Nascimento, Joaquim da Graça dos Santos, Francisco de Sá, José Rodrigues Pereira, João Gonçalves Fernandes Braga, João Dias Pereira e Francisco José Alves, e ainda a Associação dos Caixeiros de Barcelos.

Registam-se aqui também as diligências do "Grupo Alcaldes de Faria," que, verificando as deficiências das Mesas que

dirigiam os destinos da Franqueira, se viu na imperiosa necessidade de pedir providências à Entidade oficial então interferente e depois de ter recorrido, sem sucesso, ao na ocasião Administrador do Concelho, Ex.^{mo} Sr. Miguel Gomes de Miranda, insistiu novamente, pelo seu ofício de 14 de Maio de 1930, junto do Administrador seguinte, Ex.^{mo} Sr. Conde de Vilas Boas, sendo então nomeada a Comissão Administrativa da presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José da Graça Faria Júnior.

A passagem desta Comissão Administrativa fica assinalada brilhantemente na História da Confraria. Foi na sua gerência que a actividade religiosa da Franqueira tomou o actual incremento e que se lançou o plano de melhoramentos, a cuja realização deram início, com forte impulso. E tendo procedido a actualização dos Estatutos não chegou a realizar eleição para nomeação de Mesa, porque, precisamente quando começavam a ver concretizados os seus esforços, os membros da Comissão Administrativa tergiversaram depondo o seu mandato, pelo ofício 21 de Abril de 1942, nas mãos do representante da Ex.^{ma} Autoridade Eclesiástica.

Seguiu-se nova Comissão Administrativa, nomeada superiormente para proceder à normalização da gerência da Confraria, o que fez com a eleição da Mesa actual, em que se acham representados Barcelos e as frèguesias de Milhazes, Pereira e Carvalhal, sendo parte dos seus membros a direcção do "Grupo Alcaides de Faria,, que dêste modo também está representado.

A Confraria completa em breve quatrocentos anos de existência, o que é algo na fragilidade das coisas humanas. Estas só quando impregnadas de espiritualidade conseguem prevalecer através dos tempos que tudo apagam e destroem. E a sua subsistência reforça-nos a crença de nelas actuar Aquêle que garantiu a eternidade às causas que n'Êle se reflectem. A devoção à Senhora da Franqueira, se é obra dos homens, parece ser do agrado da Virgem, que a recompensa com a longevidade, entre tantas de vida efémera.

A passagem do quarto centenário da Confraria ocorre em 1958 e tem de ser comemorado devidamente, não sendo cedo para todos nos irmos preparando desde já para a sua condigna celebração.

A estrada

A ascensão à Franqueira fazia-se por caminho assaz íngreme e agreste, dificultando o acesso ao Monte a todos que ali iam em romagem de Fé e Patriotismo e para se extasiarem na contemplação do panorama surpreendente que lá do alto se admira.

Como primeiro passo no encetamento dos melhoramentos a realizar, impunha-se a facilitação da subida à Franqueira, com abertura de estrada que levasse do sopé ao cimo, visto estar já rasgada desde a estrada nacional n.º 6-2.ª às fraldas do Monte e mesmo calçetada, com a comparticipação do Estado, até à Igreja de Carvalhal.

Nesta compreensão e cõscia da sua posição perante a Franqueira, tomou a Câmara Municipal de Barcelos a iniciativa da construção da estrada, cuja abertura inicia na presidência do Ex.º Sr. Major Francisco Filipe dos Santos Caravana e termina na presidência do Ex.º Sr. Conde de Vilas Boas.

Tudo indicava que a Câmara procederia ao acabamento da sua obra, por acção exclusivamente directa ou com auxílio de comparticipação do Estado. Limitou-se porém à nomeação de um cantoneiro para a estrada, a qual desde a sua abertura ficou simplesmente em terraplanagem incompleta, sem oferecer cómoda passagem ao visitante e entregue às inclemências do tempo, a cujos estragos o cantoneiro nomeado não podia obviar, porque eram desproporcionados com as suas limitadas possibilidades.

E assim a estrada, aberta há 13 anos e sem qualquer acabamento ou protecção eficiente, encontra-se actualmente quasi intransitável, sobretudo para a locomoção automóvel.

As entidades que directamente actuam na Franqueira não podiam, sem traír a sua missão, ficar indiferentes em face dêste abandôno e quer uma quer outra esforçaram-se por conseguir providências adequadas, tomando o "Grupo Alcaides de Faria,, sôbre si o encargo de procurar solução.

Êste "Grupo,, por requerimento datado de 17 de Julho de 1939, solicita ao Ex.^{mo} Ministro das Obras Públicas a concessão de subsídio que permita a conclusão (e possivelmente melhor curso do traçado inferior) da estrada sugerindo a conveniência de assegurar o acesso ao Castelo de Faria em condições regulares de comodidade, porque estava prevista uma romagem ao local, integrada no programa das Comemorações Centenárias de 1940.

Como se esperava, as instâncias superiores dispensaram o melhor acolhimento ao pedido, que a Câmara Municipal de Barcelos corrobora pelo seu ofício n.º 186 de 16 de Março de 1940. E assim o "Grupo Alcaides de Faria,, recebe ofício (n.º 2.355, de 13-5-940) da "Direcção dos Serviços de Melhoramentos Rurais,, solicitando o envio a essa Entidade do projecto, em duplicado, respeitante à estrada, afim do pedido poder ter seguimento.

Não dispondo o "Grupo Alcaides de Faria,, de meios para o levantamento da planta, requereu auxílio à Câmara Municipal de Barcelos, com pedido de organizar, pelos seus serviços técnicos, o projecto, orçamento, etc., o que mereceu a anuência da Câmara, conforme o deliberado na sua Sessão de 7 de Outubro do referido ano de 1940.

. Decorridos já quatro anos, não foi ainda possível conseguir a satisfação do pedido do projecto, encravado na Repartição Técnica da Câmara, apesar das diligências feitas pelo "Grupo,, junto daquela Ex.^{ma} Entidade, por escrito em 1 de Junho de 1942 e 24 de Maio de 1943, e verbalmente, diferentes vezes.

Esta demora deu motivo a que o pedido ao Estado de subsídio para a conclusão da estrada fôsse arquivado!

Há pouco ainda, a Confraria e o "Grupo Alcaides de Faria,, avistaram-se com o actual presidente da Câmara Municipal de Barcelos, Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Domingues Moreira, que se dignou interessar-se pelo pedido - feito já em 28 de Setembro

de 1940 – assegurando que o projecto e orçamento para a estrada da Franqueira seriam acabados e entregues no mais curto prazo do tempo.

E logo que o projecto venha a nossas mãos, se renovará ao Estado o pedido de subsídio, que certamente não deixará de ser atendido pelo patriótico Govêrno da Nação.

Melhoramentos

O plano de melhoramentos da Franqueira, criado em 1933, é da autoria dos distintos architectos portuenses Ex.^{mos} Srs. Prof. Manuel Marques e Amoroso Lopes, que no projecto evidenciaram a sua alta competência de mestres autorizados na especialidade.

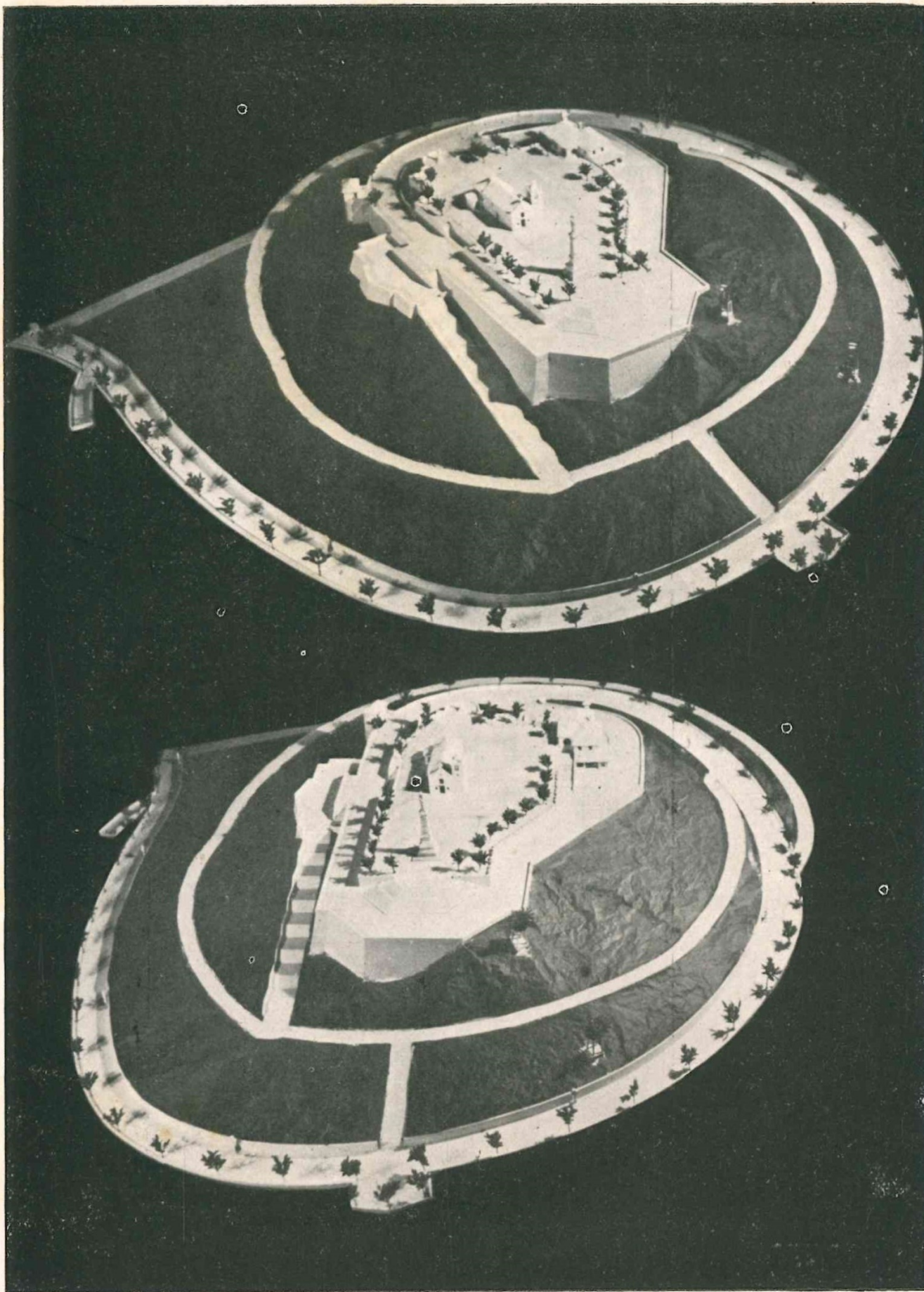
Melhor do que palavras, a "maquette.", cuja gravura se insere a ilustrar esta exposição, dará uma ideia conjunta do que no futuro será a Franqueira, segundo o referido plano de melhoramentos.

A crítica acolheu o plano de melhoramentos com francos aplausos e segundo uma das opiniões mais autorizadas, executado o projecto, "o local do Monte em que assenta a Erinida fica realmente muito aformoseado e valorizado.", ao qual, facilitado o acesso com o acabamento da estrada, por certo afluirá número de devotos sempre crescente, sem que deixe de "ser visitado por quem não pretende ir ali só com espírito de sacrifício e penitência.", no dizer irónico do crítico.

O plano não refere certas realizações subsidiárias, mas de importância primordial, fazendo-se menção a seguir às de maior destaque.

A água, ao mesmo tempo que a estrada, são necessidades de solução urgente e inadiável. A' estrada já se fez referência e quanto ao «líquido elemento», diligências se vêm fazendo no sentido de com êle abastecer o local convenientemente, tão breve que as circunstâncias o permitam.

A arborização está prevista no projecto, mas a plantação



Aspectos da "Maquette,"
Segundo o projecto de melhoramentos da Franqueira

de árvores – pelo menos na maior parte, assim como o arrelvamento e o ajardinamento, só podem ser efectuados depois de levantados os muros de suporte e de terminado o movimento de terras previsto para a terraplanagem do local. Daqui resulta que, antes da arborização, arrelvamento e ajardinamento, se torna prescindível a aquisição de água no volume que mais tarde será indispensável, evitando-se gasto para já de capital que não existe; esta consideração porém não representa diminuição da importância do problema nem pouco desinterêsse: seria até motivo de maior júbilo para a Mesa ver surgir em breve a oportunidade da solução definitiva. O que fica dito não significa também adiamento do problema da arborização, porque técnico especializado em arboricultura se ocupa já do seu estudo, com fim de se começar a plantar árvores nos sítios onde fôr possível e aconselhável fazê-lo já.

Luz, é questão para que se está estudando solução provisória, porque a forma definitiva tem de ficar para outra oportunidade: assim o aconselha o bom senso, determinado pelo plano que se aguarda para a electrificação do País.

Quanto a terrenos alheios que os melhoramentos virão ocupar, dúvidas algumas se alimentam sôbre a boa vontade dos proprietários respectivos para com a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira.

— Disse-se atraz que a execução do plano de melhoramentos teve início na gerência da Comissão Administrativa da presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. José da Graça Faria Júnior.

Começaram, e acertadamente, pelo descongestionamento da Ermida, demolindo muros e casebres que a escondiam do lado norte. Mais tarde fizeram a reintegração da Igreja adentro dos moldes architectónicos a que obedeceu a construção, mórmente a da Ermida primitiva, de estilo românico, que forma a capela-mór do templo.

Vem o plano de melhoramentos, que calorosamente começam a executar com a construção da Pousada, critério geralmente aceito, por no local ser indispensável onde receber o visitante e onde os trabalhadores ocupados nas obras a iniciar pudessem

recolher-se. Segue-se o levantamento dos primeiros muros da plataforma superior, que darão para o escadório principal, e a mudança, para local definitivo, e alteamento do monumento à Virgem da Franqueira, poucos anos antes mandado erigir pelo devoto da Senhora, João Gomes Pêna, importante industrial do Rio de Janeiro e natural de Milhazes, dêste concelho.

As obras vão continuando, embora em ritmo menor, porque mais não permitem os limitados recursos de que se dispõe.

Para terminar esta parte aqui se reïteram os agradecimentos da Confraria aos architectos Ex.^{mos} Srs. Prof. Manuel Marques e Amoroso Lopes, prestigiosos autores do projecto de melhoramentos, trabalho que se dignaram executar graciosamente.

Deseja-se também testemunhar agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Belmiro Augusto de Miranda, pela gentileza de, a instâncias de pessoas amigas e do "Grupo Alcaides de Faria,, ter conseguido dos referidos Architectos o estudo e organização do plano de aformoseamento.

Meios

Plano existe, boa vontade e dedicação não faltaram, outro tanto não se dando com meios, factor primário, que ainda não correspondeu, como é indispensável.

A Confraria praticamente não dispõe de rendimentos ou de recursos próprios.

As esmolas, ofertas ou donativos e os subsídios recebidos, mesmo anteriormente à organização do plano, somam o seguinte:

	De 1931 a 1942 — Abril	De 1942—Maio a 1944—Ou- tubro	TOTAIS
Juros	1.138\$76	398\$74	1.537\$50
Anuais	771\$10	329\$90	1.101\$00
Esmolas	42.032\$10	28.174\$00	70.206\$10
Donativos	22.699\$51	\$	22.699\$51
Receita eventual	4.289\$00	\$	4.289\$00
Subsídios da Câmara e Tu- rismo, Barcelos	44.000\$00	\$	44.000\$00
Ditos da J. G. do Distrito.	8.000\$00	\$	8.000\$00
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	122.930\$47	28.902\$64	151.833\$11

Não se inclui o valor de ofertas em materiais e a verba ofertas e donativos, abrange o donativo de Esc. 15.000\$00 da Ex.^{ma} Sr.^a D. Elvira Barroso.

Da soma total, Esc. 151.833\$11 se satisfizeram os encargos de culto, os ordenados do servo, a aquisição de medalhas da

Senhora que ascendeu a Esc. 5.050\$80, etc., e mais sobrecarregada seria se não fôra a deferência dos autores do projecto de melhoramentos em o executarem graciosamente, sendo ainda digno de menção o sr. José da Silva Guedes Encarnação pelos serviços técnicos que gentilmente vem prestando desde o início da actual gerência.

Permitiu ainda, com rigorosa administração, a execução das obras seguintes:— Construção da Pousada, ainda por concluir; a reintegração da Ermida nos gostos primitivos; os Cruzeiros que se estendem desde o Largo do Convento até o cimo do Monte; o levantamento de alguns muros de suporte, na frente da esplanada e parte dos segundos do lado sul; e as retretes.

A construção dos Cruzeiros embora incluída nas contas gerais não onera a Confraria, porque esta interessou na sua execução as frèguesias do nosso vasto Arciprestado tendo contribuído com a importância do custo de um Cruzeiro o Ex.^{mo} Sr. António Teixeira Coimbra, facto a que se dá aqui o merecido relêvo.

Quiseram as duas últimas Mesas (a actual e a Comissão Administrativa anterior) acabar a construção da Pousada, embora praticamente não tivessem recebido saldo da sua antecessora, mas na ocasião em que para tal se dispunham notaram umas fendas nas paredes do alçado sul, que mandaram examinar por técnicos competentes, os quais, depois de exame, chegaram à conclusão de ser necessário proceder urgentemente à segurança do prédio, indicando: ou o levantamento de gigantes ou o escoramento inferior por meio de paredes sólidas a construir contra os alicerces. De entre estas duas sugestões, como a primeira prejudicaria a estética da Pousada, optou-se pela segunda, cuja execução implicava o andamento dos muros da estrada que circundará a plataforma superior. Assim se fez.

Quem frequênta a Franqueira amiudadas vezes, mórmente em dias de Peregrinações ou de romagens, reconhecia a falta de retretes para o público.

Avisada desta falta, a Mesa assentou em resolvê-la e para isso consultou um dos Architectos autores do projecto de melhoramentos, porque reconhecia a necessidade de localizar a cons-

trução convenientemente, o que fez o Ex.^{mo} Sr. Prof. Manuel Marques tendo em atenção que as retretas deviam erigir-se em sítio de cómodo acesso mas retirado e fora da plataforma onde assenta a Ermida, onde a ventilação fôsse mais favorável e onde menos prejudicasse o aspecto e a beleza do local, não se preocupando com prematuras aparências que mais tarde o conjunto apagará. De resto a verdade é que se não procurou escondê-las seguindo-se o melhor critério, até usado nas residências particulares, de as situar em lugares convenientemente acessíveis e destacados, como em qualquer terra civilizada que se não envergonha de as ter nas suas *salas de visita*, embora nem sempre obedeam às boas normas da decência. Impunha-se mais êste sacrifício ao orçamento e a actual Mesa não se deteve noutra consideração que a vantagem de mais um melhoramento, indispensável e urgente.

Tôdas as obras realizadas na Franqueira, apesar de já muito representarem em dedicação e esforços, nada são comparadamente ao plano, cujo orçamento, em 1933, era o seguinte:

	Jornais	Materiais e Transportes	TOTAL
Terraplanagem	95.083\$878	4.309\$200	99.393\$078
Obras acessórias	147.759\$035	300.298\$865	448.057\$900
Pavimentos	10.531\$256	2.632\$380	13.163\$636
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	253.374\$169	307.240\$445	560.614\$614
Arredondamento	\$031	\$055	\$086
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	253.374\$200	307.240\$500	560.614\$700

Importava o orçamento em Esc. 560.614\$700, mas actualmente, rectificad os preços básicos, passaria além de mais cinquenta por cento.

A natureza, pródiga nas belezas emprestadas à Franqueira, foi avara em proporcionar condições de no cimo do Monte se poder fazer arranjo interessante com modicidade de

trabalho e materiais, encarecendo a obra que, sem ser magnificente, ficará sumptuosa.

O projecto foi há tempos exposto ao público e todos o aceitaram calorosamente, não tendo recebido reparos das entidades oficiais a que depois veio a ser submetido.

Bem cedo a Confraria concluiu ser impossível executar o plano de melhoramentos unicamente condicionado aos seus poucos recursos. Tão modestas receitas impossibilitavam a execução da obra, porque a alongariam por tempo tão dilatado que nenhum dos existentes nem tão pouco os seus próximos sucessores assistiriam ao seu termo. Nem ainda seria possível conseguir dirigentes que pudessem onerar-se com encargos que muito embaraçaram a administração da Comissão Administrativa que deu início aos melhoramentos. Nem se conseguiria quem se atrevesse a realizar obras sem meio disponível ou provável de solver os compromissos resultantes.

Nem a Franqueira carecia de esmolar, impondo-se, segundo todos aceitam, como determinante do turismo concelhio e mesmo nacional, aliado à celebridade histórica aqui ganha pelo orgulhoso feito dos heróicos Alcaides do Castelo de Faria.

Esta consideração levou a primeira Comissão Administrativa a solicitar a Participação do Estado, com pedido por intermédio do Ex.^{mo} Governador Civil de Braga, feito em 16 de Dezembro de 1933.

Como demorava a solução ao pedido da participação, a dita Comissão Administrativa officia em 1 de Setembro de 1936 ao Ex.^{mo} Governador Civil de Braga, solicitando a sua valiosa interferência para o pedido ser tomado em definitiva consideração, porque até ali deambulava de uma para outra Repartição.

Em seqüência, recebe-se aqui o officio n.º 117, de 11 de Janeiro de 1938, da "Direcção dos Serviços de Melhoramentos Rurais," que informa estar o pedido em condições de poder vir a ser participado em 1938 e pergunta se esta obra tinha sido inscrita no orçamento da Confraria para o mesmo ano de 1938, voltando aquela Entidade a officiar em 26 de Agosto seguinte pe-

dindo para a informarem se esta Irmandade estava em condições de suportar os encargos da obra.

A falta de resposta à última pergunta origina o ofício n.º 4.643, de 17 de Abril de 1939, da "Direcção dos Serviços de Melhoramentos Rurais,,", dizendo:

Rogo a V. Ex.^a se digne informar esta Junta Autónoma se essa Comissão Administrativa se encontra habilitada a suportar os encargos da execução do projecto da obra de "MELHORAMENTOS NO MONTE DE NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA,, para o qual essa Comissão Administrativa pediu a Participação do Estado.

Segundo o orçamento apresentado, sujeito ainda a rectificação, o total dos trabalhos importará em Esc. 560.614\$70 a que corresponde a participação de Esc. 253 374\$20.

Esse mesmo assunto foi objecto do ofício n.º 4.745 de 26 de Agosto de 1938 desta Junta Autónoma que não obteve resposta. Se no prazo de 15 dias, essa Comissão Administrativa não der cumprimento ao solicitado neste ofício, será o processo arquivado.

Em 27 de Abril seguinte, assinando pela Comissão Administrativa o seu presidente Dr. José da Graça Faria Júnior, foi respondido o seguinte:

Respondendo ao ofício de V. Ex.^a n.º 4.643 de 17 do mês corrente, informamos que esta Comissão Administrativa não está no presente momento habilitada a suportar os encargos da execução do projecto da obra "Melhoramentos no Monte de Nossa Senhora da Franqueira,,.

Estão em curso diligências tendentes a assegurar a esta Comissão Administrativa os fundos necessários para isso. Necessitávamos, porém, que V. Ex.^a nos

facultasse a consulta do projecto apenso ao processo para ser presente a algumas entidades interessadas na sua execução.

Em nosso entender a participação só poderá ser utilizada em anuidades.

O ofício de V. Ex.^a de 26 de Agosto de 1938 não foi por esta Comissão recebido.

Como a actual Comissão Administrativa está em vias de depôr o seu mandato, para maior facilidade na angariação dos fundos indispensáveis para a participação, ousamos rogar a V. Ex.^a se digne não mandar arquivar o processo por enquanto.

Segundo o referido ofício n.º 4.643, da "Direcção dos Serviços de Melhoramentos Rurais.", o Estado participava com Esc. 253.374\$20 (importância referente à mão de obra) donde se conclui que a Confraria teria de concorrer com Esc. 307.240\$50 (valor de materiais e carros).

Salienta-se o pedido da Comissão Administrativa àquela Entidade para lhe facultar o projecto, com o fim natural de aqui conseguir subsídio para cobrir a importância que a Confraria teria de suportar, subsídio a procurar obter ou da Comissão de Iniciativa e Turismo ou da Câmara Municipal ou de outras Entidades.

(Daqui se verifica que, naquela data, já se não sabia do triplicado do projecto de melhoramentos cujos outros dois exemplares se encontram apensos ao pedido de participação, e esta suposição justifica-se ainda pelo ofício da Confraria de 5 de Outubro de 1939 em que se solicita uma cópia do mesmo a um dos architectos autores).

O projecto não foi conseguido nem — e peor ainda — o subsídio de que a Confraria carecia para satisfazer a sua parte; mas a Comissão Administrativa não esmorece e, no intuito de não perder a participação do Estado, procura uma solução propondo a execução da obra em três parcelas anuais — 1940, 1941 e 1942 — com entrada da Confraria de Esc. 9.000\$00 em

cada um destes três anos, mas o officio n.º 2.803, de 11 de Setembro de 1940, da "Direcção dos Serviços de Melhoramentos Rurais.", vinha desoladoramente informar:

Para os devidos efeitos informo V. Ex.^a de que, por determinação de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas e Comunicações, e em vista do elevado vulto de obra em relação com as possibilidades reais de realização dessa Comissão Administrativa, foi o processo de "Obras de melhoramentos e terminus da E. M. do Monte da Franqueira., arquivado.

É este o pé em que, referentemente ao Estado, o assunto ainda se encontra.

Aquela Comissão Administrativa insistindo constantemente junto da Câmara conseguiu alguns subsídios que, com os recursos de que dispunha, lhe permitiam a continuação dos trabalhos, embora em andamento muito àquem do que era de desejar.

Estendeu também o seu apêlo a filhos e amigos desta Terra, bafejados pela Fortuna, mas o êxito não foi mais animador: poucos donativos avultaram destacando-se apenas o já referido de Esc. 15.000\$00, da Ex.^{ma} Sr.^a D. Elvira Barroso.

Entretanto — e antes de outras diligências — a Mesa actual esforça-se por conseguir novo exemplar do plano de melhoramentos que obteve, como se disse, por gentileza do distinto Prof. Ex.^{mo} Sr. Manuel Marques, que se dignou aceder ao pedido nêsse sentido feito por intermédio do Ex.^{mo} Sr. Belmiro Augusto de Miranda.

— A Confraria não desiste de renovar ao Estado o pedido de comparticipação, crente como está de que não lhe será negada, mas carece de auxílio da Câmara e da Comissão Municipal de Turismo de Barcelos, não podendo excluir o concurso de todos aquêles que lho podem dispensar, porque, parafraseando o grande português Salazar, todos não somos de mais para tão avultada tarefa.

E de certo ninguém negará a sua cooperação, que todos lhe podemos ser úteis, mesmo os mais humildes e falhos de recursos.

Assim pagaremos a dívida à memória dos nossos maiores, que ali ficará perpetuada em condignos monumentos de granito a afirmar aos pósteros que ali também há testemunhos do nascimento de Portugal, que ali se sublimou a honra e o dever no glorioso feito dos Alcaides do Castelo de Faria, que ali há troféus evocativos do primeiro lance de epopeia na fundação do Império Colonial! E os estranhos em visita ao solar de Dom Portugal ali se descobrirão em respeitosa homenagem aos primeiros feitos da Raça que depois se cobriu de imorredoura glória pelo Universo além.

— Mas as obras da Franqueira não se limitam às previstas no plano de melhoramentos. Outras que o projecto não indica são indispensáveis e urgentes. Falta, por exemplo, a água e não basta dizer que lá no subsolo a há; é preciso explorá-la e fazê-la subir para o alto e, para isso, dispor dos fundos necessários.

Esta consideração levou a Mesa a aprovar calorosamente a ideia de alguns Irmãos de se constituírem em Comissão auxiliar destinada a angariar fundos por meio de subscrições entre os amigos da Franqueira e assim nasceu a Comissão de Esfôrço para Aformoseamento do Monte da Franqueira, constituída pelos Ex.^{mos} Srs. Manuel de Jesus Castro, João Baptista de Lima Miranda, Adelino Tiago Gomes, José Correia Landolt, João Gonçalves Fernandes, Adelino de Jesus Domingues e Francisco José Alves.

Muito há a esperar da Comissão de Esfôrço e ela saberá desempenhar cabalmente a missão que se propôs. Todos os seus elementos se animaram da melhor vontade e não deixarão de corresponder os bons amigos da Franqueira e de Barcelos.

✱

— Julga-se ficar esclarecida a opinião pública e desvanecidas certas dúvidas vindas a lume, deixando sem resposta outras objecções que, de forma irreverente e sem coerência, não merecem consideração. E assim chega-se finalmente à

Conclusão

Por tríplice aspecto, religioso, patriótico e turístico, a Franqueira bem merece a consideração geral. E aquêles a quem respeita sob êstes três motivos lhe dedicam merecida atenção: já vimos lá a maioria do episcopado português e amiudadas vezes ali encontramos o venerando Arcebispo Primaz, que à Franqueira dispensa benévolo interêsse; as entidades oficiais lhe prestam também acolhimento favorável, como justificam os feitos heroicos ali ocorridos que nós Portugueses recordamos com orgulho; e o povo — o bom povo de Portugal — quer sob um e outro aspecto e também seduzido pelos encantos da natureza, se ufana da Franqueira como padrão da Pátria imortal.

Não é por isso sem razão que se espera ver brevemente

em realidade as legítimas aspirações da Franqueira, a cuja efectivação por certo se chegará congraçando-se tôdas as vontades, dedicações e esforços no mesmo sentido :

Conclusão da estrada ;

Execução do plano de melhoramentos ;

Complemento das investigações no local do Castelo de Faria e Citânia.

E depois destas realizações, todos poderemos congratular-nos pelo dever cumprido.

Barcelos, 13 de Outubro de 1944.

A Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira

Cónego Joaquim Alexandre Gaiolas

Miguel Pereira Pais de Matos Graça

João Luís Ferreira

Avelino Gomes de Sousa

Adelino Gomes Arantes

Manuel da Silva

Manuel da Graça Gonçalves Pereira

Ex.^{mo} Sr.

Êste relatório visa a elucidar os amigos da Franqueira—que são todos os de Barcelos—do plano de melhoramentos em execução, dos esforços dispendidos e das diligências em curso, para, segundo as exigências dos nossos dias, fazer da Franqueira uma estância, pelo menos, á altura das similares.

Entre barcelenses e amigos da nossa terra é unânime a dedicação pela Franqueira, que a todos lembra o passado brilhantissimo da nossa querida Barcelos.

Mas, subindo lá acima, sentimo-nos contristados ao notar a falta de arranjo do local, cujos melhoramentos ainda se vêm arrastando na sua fase inicial.

Da leitura do relatório de certo conclui V. Ex.^a que o plano de aformoseamento da Franqueira é obra de vulto—mas realizável—e tanto que em breve será um facto, porque, onde todos querem, tudo se faz sem grande custo para ninguém.

Assim pensamos e julgamos ser também êste o sentir de V. Ex.^a, para quem apelamos, certos de que se dignará auxiliar-nos na empresa, que desinteressadamente servimos. Confiamos no seu bairrismo e por isso não duvidamos da sua cooperação, em dedicação, boa palavra e auxílio monetário.

Barcelos, 13 de Outubro de 1944.

A Mesa da Confraria de N. S. da Franqueira

N. B. -- Os donativos é favor endereçá-los a: — Tesoureiro da Confraria de N. S. da Franqueira, Barcelos.

Exmo. Sr. D. ...

Este relatório visa a elucidar os amigos da França...

Entre barcelenses e amigos da nossa terra é bastante a dedicação...

Mas, sabendo lá acima, sentimo nos contrastados ao notar a falta...

Da leitura do relatório de certo conclui V. Ex.ª que o plano de...

Assim passamos a julgamos ser também este o sentir de V. Ex.ª...

Barcelona, 13 de Outubro de 1944

...

Companhia de Mass. de Contatos de N. 2. da França

...

...

...

N. B. - Os donatários é favor contactar os at. - Departamento de...

biblioteca
municipal
barcelos



65215

A Franqueira